

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Letícia de Oliveira Silva

**Opressão de gênero: uma análise sob a perspectiva feminista da
influência do patriarcado na obra “Hibisco Roxo” de Chimamanda
Ngozi Adichie.**

Taubaté - SP

2021

Letícia de Oliveira Silva

**Opressão de gênero: uma análise sob a perspectiva feminista da
influência do patriarcado na obra “Hibisco Roxo” de Chimamanda
Ngozi Adichie.**

Trabalho de Graduação apresentado à
Universidade de Taubaté, Departamento de
Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial
para a conclusão do curso de Licenciatura em
Letras – Português, Inglês e suas respectivas
literaturas.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva

Taubaté – SP

2021

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

S586o Silva, Letícia de Oliveira

Opressão de gênero: uma análise sob a perspectiva feminista da influência do patriarcado na obra “Hibisco Roxo” de Chimamanda Ngozi Adichie / Letícia de Oliveira Silva . – 2021. 51 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2021.

Orientação: Prof. Dr. André Luiz da Silva, Instituto Básico de Humanidades.

1. Adichie, Chimamanda Ngozi. 1977 - 2. Patriarcado. 3. Relações de gênero. 4. Feminismo. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências Sociais e Letras. Curso de Letras. II. Título.

CDD – 305.4

Letícia de Oliveira Silva

Opressão de gênero: uma análise sob a perspectiva feminista da influência do patriarcado na obra *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie

Trabalho de Graduação apresentado à Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva

Data: 09 / 12 / 2021

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor André Luiz da Silva

Assinatura: _____

Professora Adriana Cintra de Carvalho Pinto

Assinatura: _____

Professora Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Assinatura: _____

Dedico esse trabalho primeiramente a minha
irmã, minha família e meus amigos que
sempre estiveram presentes.

AGRADECIMENTOS

À minha irmã caçula, Isadora Oliveira, que além de sempre me motivar a pensar positivo sobre tudo, também me ensinou verdadeiramente por suas experiências com o racismo a repensar o meu lugar de privilégios dentro da sociedade e iniciar meus estudos e pesquisas sobre raça e gênero.

Ao meu orientador, André Luiz, que desde suas primeiras aulas de Sociologia da Educação, me cativou com sua forma humana de pensar a sociedade, me orientando com paciência, profissionalismo e empatia em todos os momentos.

Aos meus avós, Valdivino Araújo e Lusia Feliciano, Benedito da Silva e Izaltina Valério, pois graças a eles minha rotina durante todo o período da faculdade se tornava mais leve com cafés das tardes, conversas descontraídas e muitas vezes, caronas.

Aos meus pais, Kelly Aparecida e Anderson Rodrigo, que sempre se dedicaram muito pela minha educação e não mediram esforços para me manter em segurança e bem-estar durante toda a minha vida, não importando o quão exaustos estivessem.

As minhas amigas, Natacha Mazzucco e Rafaela Moyses, por termos criado um laço tão forte de apoio durante os anos de faculdade, que resultou em uma amizade repleta de sentimentos bons e incentivos, inclusive para finalizar o trabalho de conclusão de curso.

A todos os meus colegas de classe, que sempre estiveram dispostos a ajudar quando algum da turma precisasse.

Ao meu namorado, Wandryl, que está comigo em todos os momentos de minha vida.

A toda minha família, em geral.

“Seríamos bem mais felizes, mais livres para ser quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.”

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise da obra *Hibisco Roxo*, buscando identificar as influências do patriarcado a partir da perspectiva feminista. Analisa como o feminismo se manifesta em situações cotidianas presentes na obra, e de que maneira ele é explicitado por Chimamanda Ngozi Adichie, que retrata um contexto pós-colonial, de opressão, repleto de características patriarcais e pressão política. A escritora busca dar voz às mulheres africanas, trazendo à tona questões não tão discutidas, de uma sociedade consideravelmente marginalizada no ocidente. Além de colocar em pauta a opressão sofrida pelas mulheres, esta pesquisa também tematiza os estudos de tal literatura tão pouco vista ou mencionada durante a formação escolar e universitária no Brasil. Os objetivos dessa monografia são contextualizar a produção literária da obra e as aproximações com o discurso defendido pela autora, trazendo os limites dos sentidos da crítica feminista presente na obra “*Hibisco Roxo*”. A fundamentação teórica considera dissertações já publicadas anteriormente. Adota a metodologia de análise bibliográfica, apresentando uma discussão tecida a partir do ponto de vista Kambili sobre a influência do patriarcado na obra. A análise reafirma o fato de que a produção literária está intrinsecamente relacionada ao seu tempo histórico, de maneira contemporânea, o que permite discussões a respeito da posição que a mulher ocupa no mundo atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: *Hibisco Roxo*; patriarcado; relações de gênero; feminismo.

ABSTRACT

The present work presents a literature's analysis of *Hibisco Roxo*, searching to identify the influences of patriarchy from a feminist perspective. It analyzes how feminism manifests itself in everyday situations present in the book, and how it is explained by Chimamanda Ngozi Adichie, who portrays a post-colonial context of oppression, full of patriarchal characteristics and political pressure. The writer seeks to give voice to African women, bringing to light issues not so discussed, of a society considerably marginalized in the West. In addition to highlighting the oppression suffered by women, this research also discusses the studies of such literature so little seen or mentioned during school and university education in Brazil. The objectives of this monograph are to contextualize the literary production of the work and the approximations with the discourse defended by the author, bringing the limits of the meanings of feminist criticism present in the work "Hibisco Roxo". The theoretical foundation considers previously published dissertations. It adopts the methodology of bibliographic analysis, presenting a discussion woven from the Kambili point of view on the influence of patriarchy on the work. The analysis reaffirms the fact that literary production is intrinsically related to its historical time, in a contemporary way, which allows for discussions regarding the position that women occupy in the world today.

KEY WORD: Purple Hibiscus; Patriarchy; Gender Relations; Feminism.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	9
1. ADICHIE E HIBISCO ROXO – CONTEXTOS HISTÓRICOS	11
1.1 Biografia de Chimamanda Ngozi Adichie	11
1.2 Gênero: Romance de formação	12
1.3 Romance <i>Hibisco Roxo</i> – Nigéria pós-colonial.....	15
2. <i>HIBISCO ROXO</i> – A OBRA E O PATRIARCADO.....	17
2.1 Resumo da obra: <i>Hibisco Roxo</i>	17
2.2 O Patriarcado em <i>Hibisco Roxo</i>	29
3. O FEMINISMO EM <i>HIBISCO ROXO</i>	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO.....	46
Tabela A.....	46

INTRODUÇÃO

As diferentes abordagens do feminismo ao redor do mundo instigam diversas discussões em busca de um feminismo multicultural - que independe de diferenças de raça e classe – para combater o patriarcado, em busca de igualdade de gênero, e tão presente nas questões pós-coloniais da Nigéria.

Busca-se através do presente trabalho identificar qual/quais o/os aspectos dentro da obra “Hibisco roxo”, segundo a análise do enredo, apresentam características do patriarcado e de que forma o feminismo a partir dessa análise se manifesta.

Essa pesquisa, do ponto de vista da forma de abordagem do objeto de estudo, é classificada como qualitativa. Quanto a sua natureza, ela se define como uma pesquisa básica por envolver questões de interesses gerais e o propósito de contribuir com a geração de conhecimentos úteis para o campo teórico do feminismo. Do ponto de vista dos objetivos, ela pode ser classificada como uma pesquisa descritiva, pois descreve as características de uma obra literária, bem como estabelece relações entre a abordagem feminista e o contexto histórico presente na obra.

Essa análise será quanto aos procedimentos técnicos, classificada como bibliográfica pois é elaborada a partir de um material já publicado, especificamente, um romance, além de livros e artigos de periódicos sobre a literatura africana e o feminismo.

Quando estudamos e falamos sobre literatura, estamos falando sobre um processo de mediação social criativo através da arte, demonstrando traços temporais, culturais e sociais articulados no e com o discurso sobre fenômenos da realidade. Há uma enorme importância em se estudar a literatura proveniente do continente africano, no Brasil, um país construído sob o domínio colonial europeu e a exploração do povo africano transplantado. Dentre escritores de origem africana, optei por estudar o feminismo através da obra de Chimamanda Ngozi Adichie, sendo ela, uma escritora mulher e nigeriana, que retrata a realidade com muita naturalidade através de sua ótica não eurocêntrica em sua literatura contemporânea.

Para encontrar a base teórica desse trabalho, após fazer um resumo, foram selecionados trechos da obra que refletiam marcas de uma sociedade patriarcal, no qual foram elencados em um quadro (vide anexo A). As palavras ou frases em destaque na cor azul foram aquelas que continham discursos feministas, e as palavras ou orações em destaque na cor laranja foram aquelas que continham ações patriarcais. A partir dessa primeira sistematização, foi possível analisar a obra por meio da seleção de trechos de artigos acadêmicos já publicados anteriormente e obras literárias que conversam com teorias feministas/patriarcais.

Além da introdução e das considerações finais, o presente trabalho se dispõe em três capítulos. O primeiro tem como objetivo contextualizar a produção literária da obra e as aproximações com o discurso defendido pela autora, no seu determinado tempo histórico, apresentando uma breve biografia de Chimamanda; identificar e apresentar a qual gênero *Hibisco Roxo* pertence, sendo ele um romance de *bildungsroman* feminino; e posteriormente, apresentar o contexto histórico no qual a obra foi narrada.

O segundo capítulo visa analisar o enredo e a construção da obra selecionada, apresentando um resumo completo sobre o conteúdo da obra, e posteriormente o relacionando as questões patriarcais tão presentes no pós-colonialismo.

Para, por fim, explicitar de que maneira a crítica feminista se fez presente na obra “Hibisco Roxo” como objeto de transformação.

1. ADICHIE E HIBISCO ROXO – CONTEXTOS HISTÓRICOS

Neste capítulo será apresentada uma breve história da vida da escritora, Chimamanda Ngozi Adichie, desde o seu nascimento ao seu atual contexto de vida após grandes obras de sucesso que visam retratar a realidade nigeriana de acordo com seu olhar, além de apresentar a produção literária da obra *Hibisco Roxo* e conceitos fundamentais para o entendimento da mesma, de acordo com seu contexto histórico.

1.1 Biografia de Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora contemporânea da etnia Igbo, nascida em 15 de setembro de 1977, em Enegu e que cresceu na cidade de Nsukka, junto com seus pais e seus cinco irmãos.

De acordo com Müller (2017), pertencendo à uma família muito presente no universo acadêmico, sendo seu pai, James Nwoye Adichie, professor de estatística na Universidade da Nigéria, e sua mãe, Graça Ifeoma, a primeira mulher a ocupar o cargo de administradora na mesma universidade. Sua família possuía bons recursos financeiros, o que na época, resultava em expectativas quanto à sua formação profissional.

Sendo assim, Chimamanda, apesar de sempre gostar de ler e escrever (pois desde os anos de escola já havia escrito uma coletânea de poemas denominada: *Decisions [Decisões]* (1997), dentre outras obras), iniciou o curso de medicina na Universidade da Nigéria, e começou a trabalhar na edição da revista publicada pelos estudantes. Após um ano e meio cursando medicina, Chimamanda decidiu ir para os Estados Unidos, estudar comunicação e ciências políticas, na universidade de Drexel, onde percebeu mais nitidamente como as diferenças de raça e gênero se manifestavam na sociedade, e posteriormente se formou em *summa cum laude*, em 2001, na Eastern Connecticut State University, em Comunicação e Ciência Política, onde escrevia artigos para revista da Universidade.

Em 2003, ela completou seu mestrado em “Escrita criativa” na Universidade Johns Hopkins e publicou seu primeiro romance, o *Hibisco Roxo*, chamado de maneira pejorativa por um jornalista como um “romance feminista”, de acordo Chimamanda, em seu discurso na TEDxEuston, com mais de sete

milhões de acessos no canal YouTube, *We should all be feminists*¹ (que posteriormente foi publicado como livro). No mesmo discurso da TEDx, Chimamanda também menciona sobre como foi a primeira vez em que ela foi chamada de “feminista”, e que ao buscar o conceito no dicionário, se reconheceu em tal palavra, como alguém que realmente acredita na igualdade de gênero. Em 2008, pela universidade de Yale, recebeu o título de Mestre de Artes em Estudos Africanos, seguido pelo lançamento de seu segundo livro “Meio Sol Amarelo”, que retrata a guerra de Biafra, recebendo importantes premiações, assim como diversas obras da escritora.

Sua escrita se caracteriza pela discussão de raça e gênero, trazendo em todas as suas obras problematizações e reflexos sociais por quem vive de dentro daquele contexto/história, sempre com mulheres que retratam o “empoderamento feminino”, e defendendo também a participação dos homens na luta por igualdade de gênero².

1.2 Gênero³: Romance de formação

A partir da década de 90, estudos com base sociointeracionista surgiram com o intuito de uma nova concepção de linguagem. Segundo Bakhtin (2003), qualquer atividade humana está ligada ao uso da linguagem, possibilitando múltiplos usos que se dão pela utilização de enunciados, sejam eles orais ou escritos, que refletem uma finalidade, não apenas pelo seu conteúdo, mas também pelo estilo de linguagem.

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>.

² Palavra polissêmica, referindo-se à construção social e cultural imposta com relação ao sexo dos indivíduos.

³ Palavra polissêmica, referindo-se ao gênero literário.

Os gêneros, no entanto, possuem uma organização discursiva, são apreendidos socialmente desde que um indivíduo aprende a falar, buscando estruturar os enunciados para que a comunicação se torne efetiva. E dentro da literatura, as obras, também representam através de sua forma e conteúdo, uma organização, sendo classificadas de acordo com suas particularidades.

Originalmente chamado de *Bildungsroman*, historicamente, segundo Maas (2000) esse gênero surgiu na Alemanha, atrelado à ascensão da burguesia, entre o final do século XVIII e início do século XIX. Situação na qual os burgueses, que na época feudal ocupavam um lugar intermediário na sociedade, não sendo nem camponeses e nem nobres, buscavam ascensão social a fim de emancipação política para se firmarem como classe social, refletindo seus ideais através do romance.

A primeira vez que o termo *Bildungsroman* foi utilizado, foi por Johann Karl Simon Morgenstern (1770-1852), em 1810, academicamente através de uma obra filosófica, em seguida, em 1870, pelo filósofo, Wilhelm Dilthey onde o termo foi associado à obra “*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*”, de Goethe.

O romance de formação ou *Bildungsroman*, como o próprio nome diz, morfologicamente, com a união de dois radicais, “*Bildung*” e “*roman*”. De acordo com o dicionário online Educalingo⁴, “*Bildung*” significa:

Formação: A educação refere-se à formação do homem em relação à sua "humanidade", suas habilidades intelectuais. O termo refere-se ao processo e ao estado. O segundo significado corresponde a uma certa ideia educacional, que se busca no decurso do processo educacional. Um sinal de educação, que é comum a todas as teorias da educação, pode ser descrito como a relação refletida para si, com os outros e com o mundo. O conceito dinâmico e holístico moderno da educação representa o processo de desenvolvimento que acompanha a vida do ser humano, no qual ele amplia suas habilidades intelectuais, culturais e práticas de vida e suas habilidades pessoais e sociais.

Ou seja, é o romance no qual há um processo de formação de caráter do personagem principal dentro da obra, por meio de uma sucessão de etapas que irão modificar esse personagem, até um determinado estágio, enquanto a

⁴ Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-de/bildung>

palavra “roman”, de acordo com o dicionário online Educalingo⁵ significa “romance”.

O processo para o desenvolvimento do personagem principal, tende a ter por trás, um contexto insatisfatório, mesmo que não consciente para o personagem, podendo ser opressor ou com poucos recursos, no qual servirá como motivação para mudanças.

Segundo Bakhtin (2003), o personagem passa pelo processo de “ser alguém”, que tende a ser lento e gradual:

Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável. As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida. (BAKHTIN, 2003, p. 238)

O *Bildungsroman*, é marcado principalmente de acordo com a história, segundo Maas (2000), por personagens masculinos, devido ao patriarcado. Ao trazer como protagonista de um romance de formação, uma mulher, logo já se imaginava a questão de preparação dessa mulher para exercer um papel social dentro de um matrimônio ou uma maternidade, por exemplo. Atualmente, após diversas críticas impulsionadas pelos movimentos feministas, a obra pertencente ao gênero de formação que possui uma mulher como protagonista, não questiona apenas o papel que ela tem dentro daquela sociedade, mas também reafirma seu desenvolvimento em torno de seus anseios e desejos políticos, profissionais, educacionais, individuais etc.

Atualmente, o romance caracterizado como *bildungsroman* que possui uma protagonista, está inserido no que é chamado de “*bildungsroman* feminino”. As protagonistas, segundo Gabialti, são heroínas que:

[...] buscam – ao longo da singularidade do processo de formação – por afirmação de suas identidades, realização pessoal e profissional, independência financeira e intelectual, liberdade de escolha, reconhecimento artístico, direitos sobre o corpo feminino, entre outros. (2003, p.43)

⁵ Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-de/roman>

Processo que é possível acompanhar na obra *Hibisco Roxo*, pelo desenvolvimento da personagem Kambili, ainda adolescente, vivendo em um ambiente hostil, repleto de violência e opressão por seu pai, Eugene, onde não possuía voz, mas que no decorrer do romance, se transforma.

1.3 Romance *Hibisco Roxo* – Nigéria pós-colonial

Visto a importância de contextualizar historicamente a obra *Hibisco Roxo*, cabe mencionar que ela foi o primeiro romance escrito por Chimamanda Ngozi Adichie, publicado pela primeira vez no ano de 2003, retratando a Nigéria pós-colonial.

Desde que as sociedades europeias começaram a se desenvolver, as divisões territoriais se tornaram indicativos de poder, o que, no contexto colonial, resultou em países dominantes e dominados, onde se era explorado a mão-de-obra e a matéria-prima para obtenção de lucro econômico que era enviado às metrópoles na Europa.

De acordo com Nathalia Almeida Marcelo (2019), na Nigéria, pelos britânicos, a colonização ocorreu por meio de imposição cultural através da língua e religião, ocorrendo divisões territoriais nas quais não se levou em consideração os povos já existentes no território e suas rivalidades. O que reflete diretamente em como a sociedade se comporta atualmente, e no reflexo da identidade desses povos, que chocam o tradicionalismo com o comportamento eurocêntrico imposto.

A independência da Nigéria, ainda muito recente, aconteceu em 1960, seguida, em 1967, por uma violenta guerra civil conhecida como Guerra da Biafra. Posteriormente, o país sofreu diversos golpes de estado, sendo um país de bastante instabilidade política, o que afeta diretamente sua economia.

No campo de estudo da literatura, fala-se sobre literaturas pós-coloniais. Segundo Bonnici (1998), essas por sua vez, possuem relação direta com o feminismo, podendo estabelecer analogias entre patriarcalismo/feminismo, metrópole/colônia e colonizador/colonizado, em que em um local colonizado, a mulher se torna duplamente colonizada, pela opressão patriarcal.

Hibisco Roxo se passa por volta dos anos de 1980, segundo a revista de Humanidades e inovação, “Esta cronologia pode ser estimada, pois o líder militar apresentado na obra coincide com o líder nigeriano Ibrahim Babangida (1941) que assumiu o poder por meio de um golpe militar em 1985” (MARCELO, 2019, p.3), demonstrando constantemente influência sobre a obra.

2. HIBISCO ROXO – A OBRA E O PATRIARCADO

Neste capítulo será apresentada o resumo da obra *Hibisco Roxo* e a análise feita a partir da perspectiva feminista em um contexto patriarcal.

2.1 Resumo da obra: *Hibisco Roxo*

Hibisco Roxo é um romance contemporâneo, que retrata uma sociedade pós colonial e suas influências. Foi escrito de maneira atemporal, onde a narrativa se inicia no meio da história, e assim, fatos são retomados para depois prosseguir com a continuação dos acontecimentos.

Narrado por Kambili, de maneira muito detalhada, é possível acompanhar a realidade através de sua perspectiva e acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos.

“As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante”⁶ (ADICHIE, 2003, l. 8), assim se inicia o livro *Hibisco Roxo*, em um contexto de violência e mudanças comportamentais de seu irmão.

Eugene, pai de Kambili, era um homem nigeriano, de alto poder aquisitivo devido à adoração feita ao colonizador/homem branco, que negava e repudiava tradições de seu povo ancestral, por uma crença de que o colonizador é sinônimo de civilização. Proprietário de uma rede de produtos industrializados, cristão, e dono de uma revista chamada Standard, morava em sua casa, repleta de violência física e psicológica com sua esposa, Beatrice, e seus dois filhos, Kambili e Jaja.

Durante a narrativa, Kambili demonstra uma enorme devoção ao seu pai, como se ele só pudesse ser comparado a um deus, pois, realmente Eugene possuía o apreço das pessoas ao seu redor. Segundo ela, o padre Benedict, já antigo na paróquia, mas ainda chamado de “novo padre” (justamente por ser branco, desconfia ela), sempre utilizava o nome de Eugene como exemplo para ilustrar o evangelho, e agradecia a ele, junto ao agradecimento a Deus e ao

⁶ Capítulo: **Quebrando deuses - Domingo de Ramos**. (l.06-194). Observação metodológica: adota-se o registro da localização do trecho mencionado ou citado, por se tratar de livro eletrônico consultado no equipamento Kindle ©.

papa, sempre enfatizando como Eugene ajudava a paróquia, principalmente monetariamente.

Eugene se importava primeiramente com a fé cristã, buscando se assemelhar cada vez mais com o homem branco, atribuindo todas as mudanças paroquiais do padre Benedict como corretas, não sendo permitido o uso do igbo fora do momento da oferenda, e diminuindo a quantidade/frequência que se poderia bater palmas durante a celebração, pois essas adequações eram sinônimo de um espaço civilizado. Ele se sentava sempre na primeira fileira da igreja, e educava seus filhos para que seguissem rigorosamente seus ensinamentos, além de estar sempre atento aos fiéis que faltavam nas missas.

Então, quando seu filho, Jaja, rejeitou comungar no Domingo de Ramos e o afrontou, sua reação automaticamente, assim como em diversas partes do livro, foi violenta, mas sem espantos para seu filho e Beatrice, que, de maneira naturalizada, continuaram agindo como se nada houvesse acontecido, e como se a voz de Eugene já não fosse mais tão importante, enquanto pintinhas avermelhadas se espalhavam cada vez mais pelo seu rosto, e a fraqueza tomasse cada vez mais conta de seu corpo.

Na narrativa dos acontecimentos anteriores ao Domingo de Ramos⁷, Kambili, inicia enfatizando desde o início o quanto era importante para ela o pouco tempo que passava com seu pai, Eugene: “Queríamos aproveitar cada minuto da meia hora que Papa reservava para a lavagem dos uniformes” (ADICHIE, 2003, l. 201), e narra como sua Mama, Beatrice, lhe contou sobre sua gravidez, demonstrando muita felicidade por conseguir engravidar, pois já havia tido um aborto, colocando Eugene em um pódio de bom marido por ter optado em não ter outra esposa, para que lhe desse mais filhos.

Kambili e seu irmão, Jaja, eram regrados através de um cronograma de horários que Eugene fazia para que seguissem, de maneira tudo deveria ser seguido criteriosamente, pois existia hora certa para cada coisa, caso contrário, haveria punição. Eles por diversas vezes, eram silenciados, e então aprenderam a se comunicar pelo olhar, evitando questionar qualquer situação ou imposição feita sobre eles, pois segundo Kambili: “Com frequência fazíamos perguntas

⁷ Capítulo: **Falando com nossos espíritos - Antes do Domingo de Ramos** (l.196-3419.)

cujas respostas já sabíamos. Talvez fizéssemos isso para não precisarmos formular as outras perguntas, aquelas cujas respostas não queríamos saber.” (ADICHIE, 2003, I. 251). Mas ainda assim, estavam sempre em busca de agradar seu pai através de falas pensadas e treinadas.

Apesar da postura dentro de sua casa, Eugene era diferente na sua posição com relação a questão política do país, era alguém que lutava através da sua revista pela liberdade do povo nigeriano frente ao golpe militar, e por conta disso, sua equipe era perseguida pelo Estado, chegando a receber proposta de propina em troca de artigos positivos em sua revista, as quais ele sempre recusava, pois acreditava que lutar e falar a verdade para o povo nigeriano era mais importante. Sendo assim, sempre idolatrado na igreja, sendo comparado a um deus, vivia uma dialética de lutar e ser amado pelo povo nigeriano, e ao mesmo tempo, agir com autoritarismo e violência dentro de sua própria casa.

Em um domingo, saindo de uma missa celebrada por um padre convidado, Eugene demonstrou insatisfação, pois:

[...] na metade do sermão, começou a cantar uma canção em igbo: “Bunie ya enu...”. A congregação toda se agitou de repente. Alguns suspiraram, outros abriram a boca num enorme O. Estavam acostumados com os sermões demorados do padre Benedict, com sua voz anasalada e monótona. Lentamente, começaram a cantar também. Eu olhei para Papa, que comprimiu os lábios. Ele virou a cabeça para ver se eu e Jaja estávamos cantando e assentiu, satisfeito, quando nos viu de lábios selados (ADICHIE, 2003, I.315).

Em outra ocasião, a família foi visitar o padre Benedict, mas Beatrice estava passando mal devido à gravidez e cogitou, apenas nesse dia, em não entrar na casa do padre, logo, Eugene refez a pergunta, como uma pressão psicológica, e Beatrice acabou entrando na casa do padre. Ele então, passou a ignorá-la e no mesmo dia, Eugene após agradecer, pediu à Deus que “perdoasse aqueles que haviam tentado se opor à Sua vontade, que haviam colocado seus desejos egoístas em primeiro lugar e não quiseram visitar Seu servo após a missa” (ADICHIE, 2003, I. 372). Momentos depois, Kambili ouviu sons de pancadas no quarto de seus pais, e segundo ela: “Imaginei que a porta estava emperrada e que Papa estivesse tentando abri-la. Se imaginasse aquilo sem

parar, talvez virasse verdade.” (ADICHIE, 2003, l. 377), fazendo assim, com que Beatrice perdesse o bebê.

A violência doméstica, era naturalizada, mascarada e distorcida socialmente na narrativa, indicando que era Beatrice quem precisava ser perdoada pela violência que sofria.

Com todos os acontecimentos, Kambili ficou abalada psicologicamente, e isso acabou refletindo em seu foco nos estudos, o que fez com que ela deixasse de ser a melhor aluna da classe, e passasse a ser, a segunda melhor, o que para seu pai, era uma enorme decepção. Mas o momento da punição que receberia de seu pai por não possuir o título de melhor aluna da sala, foi interrompido quando Eugene recebeu um telefonema com notícias do escritor de sua revista, que estava desaparecido, e foi encontrado após ser torturado pelo governo ditatorial do momento, pois sua revista de cunho político, representava uma oposição, e assim, ele percebeu que deveria mudar o nome de sua revista, e publicá-la de maneira anônima.

No final das férias, Beatrice levou Jaja e Kambili para comprar materiais escolares, e assim, além de terem a liberdade em não ter que solicitar a permissão de Eugene para tudo, tiveram também contato com o mundo exterior à bolha luxuosa em que viviam em que quase não eram afetados pela realidade do povo, vivenciando assim, cenas desumanas, de violência e pobreza, com as quais não estavam habituados.

Eugene não havia esquecido que Kambili não estava em primeiro lugar na sua sala, e no período de volta às aulas, insistiu em ver quem era a menina que estava ocupando o primeiro lugar, e questionou Kambili sobre como ela permitiu isso acontecer, sendo que ela possuía a melhor educação, coisas que ele jamais tivera, pois segundo ele, seu pai adorava deuses de madeira, e assim, tudo que ele possui, é graças ao que os padres proporcionaram à ele, após trabalhar como empregado.

Assim como em todos os âmbitos da vida de Kambili, no cotidiano escolar não era diferente, regada pelo pai, não possuía amigos e enfrentava uma enorme dificuldade em se expressar da forma que gostaria, seus diálogos com as meninas, quando elas puxavam a conversa, eram curtos. Certa vez, uma colega a questionou sobre o motivo de Kambili sempre sair correndo da escola, e o real motivo, embora ela não falasse para sua colega, era que o motorista

estava sempre a sua espera, e que além de não querer atrasar os compromissos de seu pai, também não poderia se atrasar, por medo da punição.

Mas para ela, a dificuldade em se relacionar com as outras meninas da classe, não era o seu maior problema, mas sim, a preocupação em estar em primeiro lugar da sua classe ao final do semestre. Por fim, Kambili acabou sendo a melhor da sala naquele semestre, afim de buscar a aprovação de seu pai.

Em todo final de ano, na época do natal, as famílias tinham o costume de ir para sua cidade natal. Assim, a família de Kambili, foi para sua enorme casa em Abba, levando junto todos que trabalhavam em sua casa da cidade, cheios de faturas dentro dos carros, e sendo Eugene, adorado e procurado por todos por onde passava, por ajudar com seu dinheiro, além de se preparar também para alimentar toda cidade, possuindo o título de “Omelora, Aquele Que Faz Pela Comunidade” (ADICHIE, 2003, 1.688). Ele esperava sempre o senso de se dirigirem a ele, apenas em inglês, se recusando também a ajudar qualquer pessoa que ele considerasse pagão, acreditando que precisam ser salvos do inferno, inclusive Papa-Nnukwu, pai de Eugene.

Papa-Nnukwu, pai de tia Ifeoma e Eugene, não possuía nenhuma ajuda de seu filho e vivia em uma casa simples, com pouco dinheiro, inclusive para remédios e comidas. Ele já era um senhor de idade, que podia ter contato com seus netos Jaja e Kambili, apenas por quinze minutos, e via importância em buscar ter mais convivência com eles. Acreditava em antepassados, e fazia oferenda do pouco que tinha aos deuses que cultuava, sendo assim, chamado de pagão por Eugene, e fazendo com que seus filhos fossem proibidos de aceitar qualquer coisa que Papa-Nnukwu os oferecesse, inclusive comida.

Ifeoma, viúva há pouco tempo e passando por diversas dificuldades financeiras, não possuía tanto contato com Kambili, pois havia brigado com Eugene, exatamente por conta do seu fanatismo religioso que afetava Papa-Nnukwu, mas passaria esse ano o natal em Abba, junto com seus filhos. Ela era professora em uma universidade, e seus filhos Amaka, Obiora e Chima, eram questionadores, possuíam liberdade para se expressar, senso crítico com relação ao lugar da mulher na sociedade, e trouxeram consigo o início de uma mudança de perspectiva para Jaja e Kambili.

Após algumas tentativas, Ifeoma conseguiu convencer Eugene a permitir que ela passasse mais tempo com seus sobrinhos, que acabou os levando, sem

o consentimento dele, para assistir ao festival *mmuo*, tradicional da região, junto com seus primos e Papa-Nnukwu, começando a desmitificar conceitos preconceituosos existentes e criados por Eugene ao longo de suas vidas.

Durante o dia do natal, todos foram para casa de Eugene, com muita fartura para o almoço de natal, após uma grande doação feita para a igreja. As crianças brincavam naturalmente, enquanto Kambili os observava, Ifeoma e Beatrice conversavam bastante entre si, e Beatrice insistia para que Ifeoma pedisse ajuda ao seu irmão, com doação de gás, alimentação, etc., e ela bem que gostaria de ganhar todos os itens que seu irmão poderia oferecer, porém não estaria disposta a obedecer à todas as ordens que seu irmão exigiria em troca, como mudar de paróquia ou colocar Amaka em colégio de freiras. Para Ifeoma, Eugene deveria compreender que ele não é um deus, logo, ele não deveria tentar fazer o papel de um, julgando e excluindo pessoas, inclusive o seu pai.

Durante o almoço, Kambili se sentiu por muitas vezes incomodada com a postura de Amaka ao conversar/expressar opiniões sobre a mesa, assim como em diversos momentos durante a narrativa, por sua postura questionadora, que conseqüentemente fugia de comportamentos que eram adequados para Kambili. Ifeoma, ao falar sobre a aparição da Virgem, na cidade de Aokpe, sugeriu que levasse Jaja, Kambili e seus filhos para conhecer essa cidade, permitindo assim, que seus sobrinhos passassem alguns dias em sua casa.

No dia seguinte, um domingo, Kambili menstruou, e sentindo cólicas, era necessário que tomasse remédio, mas para isso, necessitava comer algo. O grande problema, é que não era certo, de acordo com seu pai, quebrar o jejum de uma hora antes da missa. Assim, Beatrice e Jaja tentaram fazer com que Kambili conseguisse ingerir algo rapidamente, sem que Eugene soubesse, mas no exato momento, ele entrou na cozinha, Jaja tomou a responsabilidade para si, e todos foram punidos apanhando violentamente com o cinto de Eugene:

Papa tirou o cinto devagar. Era um cinto pesado feito de camadas de couro marrom com uma fivela discreta coberta do mesmo material. Ele bateu em Jaja primeiro, no ombro. Mama ergueu as mãos e recebeu um golpe na parte superior do braço, que estava coberta pela manga bufante de lantejoulas da blusa que ela usava para ir à igreja. Larguei a tigela sobre a mesa um segundo antes de o cinto me atingir nas costas. (ADICHIE, 2003, I.1325)

Já em Lagos, voltando de viagem, após o ano novo, foram logo fazer suas confissões ao padre Benedict, que estavam atrasadas segundo seus costumes, mas Eugene não gostava de confessar com os demais padres. Conversou então, solicitando permissão ao padre para que seus filhos pudessem visitar a cidade da aparição da santa, e assim, ficar alguns dias na casa de sua tia Ifeoma. Beatrice, logo solicitou que enviasse junto aos seus filhos, gás e comida, pois havia conversado com Ifeoma sobre as necessidades/dificuldades que estavam enfrentando. Esse pedido, embora atendido, causou de início, certa desconfiança em Eugene, pois ele não gostaria de ajudá-la caso ela não estivesse dentro das condições impostas por ele.

O momento da despedida de Jaja e Kambili com seu pai, foi um momento difícil, principalmente para Eugene e Kambili, pois Jaja, em toda narrativa, já demonstrava certo descontentamento com a situação em que vivia. Era a primeira vez que iriam dormir fora, sem que Eugene estivesse presente. Ele havia montado um cronograma de horários quase tão rigoroso quanto o habitual, e exigia que não se esquecessem das orações.

Desde o caminho de ida para Nsukka, Kambili percebia uma realidade distinta daquilo que estava habituada, o apartamento de tia Ifeoma, era simples, fazendo com que ela estabelecesse diversas comparações com sua casa, inclusive sobre como havia livros que pareciam ser constantemente lidos, e ela, junto com seu irmão, foram recebidos de maneira muito calorosa por sua tia.

Kambili não se sentia confortável inicialmente, diferentemente do seu irmão, ela se sentia retraída e tinha medo de como a comunicação acontecia com Amaka. Sua prima Amaka era questionadora, curiosa, culturalmente consciente e possuía uma idealização, um estereótipo estabelecido, de como era a vida de Kambili na cidade grande, que Kambili tinha medo de contrariar.

A rotina, era diferente, os afazeres eram divididos entre todos da casa, água, gás e comida, eram racionados, sem farturas. Ifeoma incentivava o diálogo entre seus filhos, não possuíam um cronograma de horários regrados, e podiam passar seu tempo assistindo televisão, comentando sobre tudo.

Ifeoma dentro de sua casa, não permitiu que Jaja e Kambili seguissem com seu cronograma de horários enquanto estivessem sob sua responsabilidade. E sua família possuía seus costumes, como orar antes das

refeições, orar o rosário antes de dormir, cantando, diferentemente de como acontecia quando estavam com Eugene.

Aos poucos, Jaja, havia começado também a questionar coisas das quais não sabia realmente a resposta, e durante a visita à Universidade onde Ifeoma trabalhava, ela mostrou onde Amaka gostaria de estudar e seguir seus movimentos ativistas, causando assim estranhamento em Kambili, pois ela jamais havia pensado no que gostaria de fazer, ela esperava apenas que seu pai lhe dissesse quando chegasse a hora.

No jantar, receberam a visita do padre Amadi, que segundo Kambili, “Pareceu-me quase um sacrilégio chamar de “padre” aquele homem com ar de garoto, que usava uma camiseta de gola larga e jeans tão desbotados que não dava para saber se originalmente haviam sido pretos ou azul-escuros.” (ADICHIE, 2003, l. 1791), além da “voz de cantor”, muito simpático, que buscava conhecer melhor ela e Jaja, fazendo perguntas que apenas Jaja respondia, e percebendo que já havia rezado uma missa na igreja em que costumavam ir com Eugene, fazendo com que Kambili se recordasse: “me lembrei do jovem padre que começara a cantar no meio do sermão, e para quem Papa disse que deveríamos rezar, pois pessoas como ele traziam problemas para a igreja” (ADICHIE, 2003, l. 1814).

Na dinâmica da casa, Amaka se enfurecia facilmente quando Kambili não respondia logo o que perguntara, ou não sabia executar direito tarefas que eram básicas do dia a dia de Amaka, percebendo assim, que havia algo de estranho em seus primos, questionando Ifeoma sobre isso, enquanto Jaja, estava cada vez mais à vontade na casa de tia Ifeoma: adorava cuidar do jardim e conseguia cada vez mais entrar nas discussões da família com naturalidade.

Houve contratempos devido a um ataque militar na editora de Eugene, com violência, destruindo tudo o que tinham e, assim, acharam melhor que as crianças se mantivessem em segurança na casa de Ifeoma por mais alguns dias, coincidindo também com a chegada de Papa-Nnukwu, com a ajuda de combustível oferecida pelo padre Amadi, por estar muito doente.

A convivência com Papa-Nnukwu, fez com que escutassem sobre suas diversas histórias, refletindo suas crenças e o tradicionalismo que trazia consigo, alterando a rotina da casa de um jeito que eles acabavam adorando, e que fazia também com que Kambili desejasse toda aquela proximidade que ela nunca teve

com seu avô. Amaka, por sua vez, possuía tanta proximidade, que constantemente recebia elogios dele devido ao seu dom para pinturas, até inclusive resolver pintar um quadro de Papa-Nnukwu.

Kambili, nesse tempo, também pôde compreender que a fé de seu avô não era como Eugene mencionara.

Padre Amadi estava sempre preocupado em como Papa-Nnukwu estava e no que poderia ajudar com relação à família de Ifeoma, então, começou a buscar proximidade com Kambili, já que estava sempre muito quieta.

A convivência com Amaka, continuava difícil, ele seguia sempre insultando Kambili, até que enfim, aos poucos, Kambili começou a ter voz: “-Não precisa gritar, Amaka – disse eu, finalmente” (ADICHIE, 2003, l. 2263).

Durante o tempo na casa de Ifeoma, Kambili pôde acompanhar o padre Amadi a um jogo de futebol, com meninos dos bairros e, assim, se aproximar mais dele, permitindo pela primeira vez, ouvir o som da sua própria risada e se sentir em casa, ao lado dele, como se não quisesse estar em nenhum outro lugar. E, infelizmente, vivenciar o falecimento do seu Papa-Nnukwu, que aconteceu enquanto dormia.

Eugene, não sabia da presença de Papa-Nnukwu na casa de Ifeoma e quando descobriu, foi logo buscar Jaja e Kambili, coincidindo com a mesma manhã em que seu pai havia falecido. Embora o momento fosse de dor, para todos da família, para Eugene havia apenas uma preocupação, que era a relação de Papa-Nnukwu com relação à igreja católica.

Voltando para casa, Jaja e Kambili haviam passado por experiências libertadoras e diferentes na casa de Ifeoma, espelhando assim na aceitação e no comportamento de Jaja. Kambili ainda se sentia amedrontada e se questionava, buscando acreditar nas frases que seu pai dizia.

Nesse momento, Eugene acreditava que seus filhos haviam cometido pecados horríveis ao conviver com um dito pagão na mesma casa e ao omitir a verdade à ele, então, recorreu à punição, acreditando que isso era em prol de algo bom para Kambili, fazendo com que ela entrasse em uma banheira:

Papa baixou a chaleira dentro da banheira e inclinou-a na direção dos meus pés. Derramou a água quente nos meus pés, lentamente, como se estivesse fazendo uma experiência e quisesse ver o que ia acontecer. Estava chorando, as lágrimas jorrando por seu rosto. Vi o vapor úmido antes de ver a água. Vi a água sair da chaleira, fluindo

quase que em câmera lenta, fazendo um arco no ar até chegar aos meus pés. A dor do contato foi tão pura, tão escaldante, que não senti nada por um segundo. Então, comecei a gritar.

— É isto que você faz consigo mesma quando caminha na direção do pecado. Queima os pés — disse ele. Eu quis dizer “Sim, Papa”, porque ele tinha razão, mas a queimadura nos pés estava subindo, em movimentos rápidos de dor lancinante, até minha cabeça, meus lábios, meus olhos. Papa me segurava com uma de suas mãos enormes, derramando cuidadosamente a água com a outra. Eu não sabia que aquela voz que soluçava — Desculpe! Desculpe! — era minha até que a água parou de cair e percebi que minha boca se movia e as palavras ainda saíam por ela. Papa largou a chaleira e enxugou as lágrimas. Fiquei parada na banheira quente; estava sentindo medo demais para me mexer — a pele dos meus pés ia ser arrancada se eu tentasse sair dali. (ADICHIE, 2003, l.2622).

Kambili sentia falta da casa de Ifeoma e embora Eugene não fosse organizar um funeral para um pagão, enviou dinheiro para que Ifeoma organizasse. Assim Kambili conversou com Amaka no telefone sobre isso, mas enquanto Amaka se demonstrava grata, Kambili já não possuía a mesma adoração de antes pelo pai. Ainda no telefone, Ifeoma comentou com Kambili que padre Amadi havia perguntado por ela, fazendo com que seus pensamentos ficassem exclusivamente nele.

Ao mesmo tempo, a revista de Eugene publicou na capa uma forte história que envolvia grandes nomes relacionados a assassinatos, com relação ao governo atual, fazendo com que se tornassem alvo de ameaças e motivo da morte de seu editor, Ade Coker.

Pouco tempo depois, Eugene começou a ficar enfraquecido, Jaja não demonstrava muita importância e as pressões em cima dos filhos acabaram ficando mais amenas pela mínima ausência do pai, permitindo, assim, que passassem mais tempo juntos e, também, que comesçassem a pensar/agir por si próprios, escolhendo, então, olhar um quadro de Papa-Nnukwu, que Kambili ganhou de Amaka, dentro de sua própria casa, sabendo que Eugene os veria nessa cena. Eugene, sem pensar duas vezes, quebrou o quadro no chão e Kambili automaticamente correu para o chão, junto com os pedaços do quadro e foi violentada por seu pai, precisando ser hospitalizada, com graves ferimentos.

Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. Papa falou sem parar, descontroladamente, misturando igbo com inglês, carne macia com ossos afiados. Ímpios. Idolatria pagã. Fogo do inferno. O ritmo dos chutes foi aumentando, e eu pensei na música de Amaka, na música culturalmente consciente que às vezes começava com um saxofone

tranquilo e, numa reviravolta, virava um canto luxurioso. Eu me enrosquei mais sobre mim mesma, sobre os pedaços do quadro; eles eram macios como penas. Ainda tinham o cheiro metálico da paleta de tintas de Amaka. A dor me queimava agora, estava mais parecida com mordidas, porque o metal caía sobre feridas expostas na lateral do meu corpo, em minhas costas, em minhas pernas. Chute. Chute. Chute. Talvez fosse um cinto agora, pois a fivela de metal parecia pesada demais. Pois eu podia ouvir algo cortando o ar. Uma voz baixa dizia: — Por favor, biko. Por favor. Mais pancadas. Mais tapas. Algo molhado e salgado esquentou minha boca. Fechei os olhos e me entreguei ao silêncio. Quando abri os olhos, soube imediatamente que não estava em minha cama. O colchão era mais firme que o meu. Tentei me levantar, mas a dor percorreu meu corpo todo em pequenas pontadas. (ADICHIE, 2003, l.2836)

Kambili pediu para que Ifeoma fosse visitá-la, e junto a ela, veio também o padre Amadi. Ela gostaria de se manter acordada, mas não conseguia; ciente de como Kambili foi parar no hospital, Ifeoma insistiu para que Kambili e Jaja retornassem para sua casa.

Em Nsukka, nessa segunda vez, Amaka estava mais amigável, compreensível e comentou sobre o quanto Amadi perguntava sobre Kambili, então ela começou a perceber que não era apenas ela quem possuía sentimentos pelo padre Amadi, mas que ele também sentia algo por ela, buscando passar tempo juntos, e buscando cuidar de Kambili.

No trabalho de Ifeoma, problemáticas com relação a existir um único administrador na universidade em que ela dá aulas, começaram a causar grande instabilidade com relação ao seu emprego, que já não era valorizado, assim como muitos profissionais, apenas por sua origem. E a sua segurança, quando sua casa é invadida, também começa a se tornar outro fator para que ela leve em consideração a possibilidade de tentar viver em outro país.

Certo dia, de maneira inesperada, Beatrice segue até a casa de Ifeoma, chorando e desolada, mencionando que havia saído há pouco tempo do hospital, vítima de mais uma violência de Eugene, onde ele quebrou uma mesa pesada em sua barriga, fazendo com que ela perdesse um filho de apenas seis semanas, sem que ele soubesse. Ifeoma, cada vez mais indignada, falava sobre o quanto isso precisava ter um fim, porém, Beatrice ao entrar em contato com Eugene, muda completamente de postura, buscando acreditar sem questionar as falas de seu marido, fazendo com que Jaja e Kambili, voltassem para casa no mesmo dia, junto com ela.

No Domingo de Ramos, Jaja, assim como dito anteriormente, pois é nesse momento que a narrativa se inicia, se recusa a comungar, afrontando seu pai e suas crenças.

Após o domingo de Ramos, tudo se torna diferente⁸. A comida sendo levada para Jaja, não precisava ser escondida, as ordens de Eugene, não eram executadas, e ele aparentava estar cada vez mais fraco, mas ainda assim, Kambili se preocupava em agradá-lo.

Ifeoma foi demitida e então tentaria o visto americano, o padre Amadi estava designado a ir para Alemanha no final do mês. E Jaja começa a tomar decisões sem o consenso do seu pai e decidindo visitar a tia junto com Kambili.

Em um turbilhão de sensações, questionamentos e discussões com relação a Ifeoma morar em outro país com os filhos, ela quis fazer a peregrinação até Aokpe, convidando padre Amadi para os acompanharem, vivenciando cada um de sua forma, como sentiram a presença da Virgem, ou algo especial com relação à cidade.

Sozinha com Amadi, se recordando de todos os momentos que passaram juntos, Kambili acaba se declarando para ele, não recebendo a resposta que gostaria, ficando magoada e, assim, tendo logo que se despedir.

Com as passagens em um valor elevado para que Ifeoma pudesse se mudar com os filhos para outro país, não haveria alternativa, senão pedir ajuda a Eugene. Antes, ela resolveu aproveitar a gasolina para levar seus filhos e sobrinhos a uma colina, onde fizeram piquenique, brincaram, correram, conversaram e riram, como jamais Kambili havia feito com tanta facilidade.

Chegando no apartamento de sua tia, eles recebem uma ligação, na qual Beatrice notifica a morte de Eugene. Beatrice começa a ter voz e Jaja, começa a se culpar, se comparando a Obiora, acreditando que era seu papel cuidar de sua mãe como homem da família.

Beatrice contou então para seus filhos que Eugene havia falecido por envenenamento e que já estava colocando veneno em seu chá pouco tempo antes de ir para Nsukka. Mas quando os policiais chegaram, Jaja assumiu toda a culpa para si, sendo levado para prisão. Beatrice tentou por diversas vezes

⁸ Capítulo: **Os pedaços de deuses - Após o Domingo de Ramos.** (1.3421-3872).

desmentir o que Jaja fez, mas a sociedade não acreditava em suas palavras, pois acreditavam que a dor de ter um filho que matou o pai, era a responsável por tal tentativa de confissão.

E por fim⁹, há muito tempo, Beatrice se encontra perdida e não conversa com Kambili sobre muitas coisas. Quando Celestine, o novo motorista, as deixa na prisão para visitarem Jaja, Kambili narra a seguinte parte:

Certa vez, sugeriu a mim que levássemos Mama para se consultar com um dibia na cidade-natal dele, um homem especialista “nessas coisas”. Não soube bem o que Celestine quis dizer com “essas coisas”, se estava insinuando que Mama estava louca, mas agradei e disse que ela não ia querer ir. Celestine é bem-intencionado. (ADICHIE, 2003, l.3893)

Beatrice não se importa com a aparência ou com as amarrações de suas roupas. Coisas que antes eram inadmissíveis, na realidade, se tornaram indispensáveis através do dinheiro. Como em:

Não conversamos sobre os enormes valores escritos nos cheques que usamos para subornar juízes, policiais e guardas da prisão. Não conversamos sobre todo o dinheiro que temos, mesmo depois de metade da fortuna de Papa haver sido doada a St. Agnes e ao financiamento de missões da igreja. E nunca conversamos sobre termos descoberto que Papa fazia doações anônimas para hospitais pediátricos, orfanatos e abrigos para veteranos aleijados na guerra civil. (ADICHIE, 2003, l.3902)

A esperança de liberdade para Jaja, prometida por diversas vezes, a comunicação através de cartas com seus familiares e o padre Amadi, de forma profunda, contendo pautas de discussão sobre a sociedade com Amaka, refletindo também sobre como as faltam tempo para rir. Kambili, muitas vezes, deixou de se perguntar o porquê das coisas, e o silêncio ainda existe, mas agora, não por medo.

2.2 O Patriarcado em *Hibisco Roxo*

Desde que estudos foram iniciados com o intuito de desenvolver teorias feministas, um dos principais conceitos a ser estudado é o patriarcado, que

⁹ Capítulo: **um silêncio diferente - O presente**. (l.3876-4041).

consiste no sistema no qual a sociedade se baseia em torno da hegemonia masculina.

Difícilmente se conseguiria estabelecer um único significado para o termo que designa esse sistema, até porque, foi construído socialmente e modificado de acordo com a necessidade sócio histórica, conforme os estudos na área das ciências sociais foram se desenvolvendo. No entanto, é o sistema que favorece o homem, normalmente branco, cisgênero e heterossexual, em todas as esferas sociais, e que acabam por possuir o controle sob a vida das mulheres, de forma dominante, servindo como estudo para análises de casos de violência doméstica, desvalorização do trabalho da mulher, dentre outras pautas.

Segundo estudos sociológicos, é necessário que haja distinção entre os termos “sexo” e “gênero”, o “sexo” diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres, enquanto “gênero” envolve a importância cultural e social que se atribuem a essas supostas diferenças biológicas.

Para Camila Marchesan Cargnelutti e Marcus Vinicius Reis (2017) em seu artigo *O gênero como categoria de subversão do patriarcado: diálogos e interseções entre Literatura e História*:

Por diversos períodos da história, o que predominou nas relações sociais entre homens e mulheres foi uma verdadeira estrutura de poder cujo maior objetivo de seus representantes residiu na perpetuação do que Butler (2016, p. 212) chamou de “heterossexualidade compulsória”. Ou seja, na medida em que o gênero historicamente se propôs como uma construção unitária, cujo objetivo primordial consiste em reafirmar o binômio masculino/feminino, o mesmo contribuiu diretamente para a manutenção de toda uma condição normativa decorrente dessa relação. Tem-se, portanto, a construção e a manutenção de hierarquias que, nas mais diversas épocas, visaram reproduzir as noções de inferioridade e de submissão pelas quais as mulheres deveriam ser condicionadas para a manutenção de uma dada ordem social

Logo, o gênero abrange todas as questões sociais que permeiam o indivíduo, como o comportamento, normas, deveres, e expectativas. Segundo Beauvoir,

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2014, I.5917)

Reconhecendo assim, que todos ocupam um papel construído socialmente. Eugene, pai de Kambili, embora nigeriano, negava suas raízes com relação as tradições de seu povo, privilegiando o branco/colonizador, e assim, reproduzindo valores ocidentais apreendidos por ele, em todos os contextos.

[...] o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser.* Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito (FANON, 2008, p.34)

Segundo FANON (2008, p.27) “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.”. Colocando o homem branco, acima de todos os outros indivíduos, de forma que a sociedade se reestruturasse em torno desse modelo. É possível notar essa dinâmica na narrativa ao perceber como Eugene, com ideais que refletem intensamente o ponto de vista do colonizador se refere à cultura e língua inglesa, ou aos padres brancos e à religião cristã, de maneira superiorizada. Como em: “Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês.” (ADICHIE, 2003, l.151).

Papa mudou de sotaque quando respondeu, adotando uma pronúncia britânica, como fazia quando falava com o padre Benedict. Ele se mostrou gracioso e ansioso por agradar, como sempre era com os religiosos, principalmente os religiosos brancos. (ADICHIE, 2003, l.540)

Civilização, que parte da presunção de que toda ação e manifestação do homem branco, se torna melhor e aceitável como verdade única, sem necessidade de questionamentos, como em:

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia “nativas” a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido. (ADICHIE, 2003, l.24)

A religiosidade de Eugene, traz consigo uma carga de violência e repressão, para que todos de sua casa sigam da maneira como ele os obrigara. Essa violência tão atrelada aos fatores religiosos, pode estar relacionada com a forma violenta na qual a religião cristã foi instituída em sua vida. Fator que é possível interpretar, a partir da narrativa:

— Uma vez eu cometi um pecado contra o meu corpo — contou ele.
— E o bondoso padre, aquele com o qual morei quando estudava em St. Gregory's, ele entrou e me viu. Pediu que eu fervesse água para o chá. Colocou a água numa tigela e me fez pôr as mãos nela. (ADICHIE, 2003, l. 2646)

O que, em hipótese alguma, entra como justificativa para suas ações violentas com sua esposa e filhos, ou para sua intolerância com as demais religiões e seus praticantes, incluindo seu pai, Papa Nnukwu. Ele o chamava de “pagão”, sempre buscando convertê-lo ao cristianismo em troca de bens materiais. Então, Papa Nnukwu não poderia manter contato com os filhos de Eugene por mais de quinze minutos por ano, pois ao se recusar largar suas tradições para se converter ao cristianismo, Eugene optou pelo afastamento, evitando assim que seus filhos tivessem contato com as tradições locais do ambiente em que residiam.

Ao orar por Papa Nnugwu, como mencionado na narrativa, Eugene sempre pedia pela salvação, enquanto possuía postura diferente com relação ao pai de Beatrice.

Era muito diferente da forma como Papa tratara meu avô materno até ele morrer cinco anos atrás. Quando chegávamos a Abba todo Natal, Papa passava na casa do Vovô na nossa ikwu nne, ou casa de solteira de nossa mãe, antes mesmo de irmos à nossa propriedade. Vovô tinha a pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês, sempre, com um forte sotaque igbo. Sabia latim também, citando muitas vezes os artigos do Concílio Vaticano I, e passava a maior parte do tempo em St. Paul's, onde havia sido o primeiro catequista. Insistira para que o chamássemos de Vovô em vez de Papa-Nnukwu ou Nna-Ochie. (ADICHIE, 2003, l.850)

Eugene refletia valores cristãos de maneira demasiada, e para todos ao redor, principalmente dentro de seu ambiente doméstico. Através da narrativa de Kambili, ao se referir à sua mãe, de maneira naturalizada: “Não era certo permitir que uma pessoa mais velha fizesse suas tarefas, mas Mama não se incomodava; havia muita coisa com que ela não se incomodava” (ADICHIE,

2003, l.200), é possível notar a submissão de Beatrice às ordens de Eugene. O ambiente era constituído por silenciamento e medo, no qual nada era correto sem receber a aprovação de Eugene, como o patriarca da casa. Após uma das violências sofridas por Beatrice, ela se manifestou de tal forma:

Para onde eu vou se sair da casa de Eugene? Diga, para onde eu vou? — perguntou Mama, sem esperar pela resposta de tia Ifeoma. — Sabe quantas mães empurraram suas filhas para ele? Sabe quantas pediram que ele engravidasse suas filhas, sem nem precisar se incomodar em pagar o preço de uma noiva? (ADICHIE, 2003, l. 3384).

Em determinado ponto de reafirmação da bondade de Eugene, Kambili narrou a seguinte frase: “Papa merecia elogios por não escolher ter mais filhos com outra mulher, é claro, por não escolher ter uma segunda esposa. Mas Papa era mesmo diferente.” (ADICHIE, 2003, l.216), ainda se mantendo como alguém adorado, o que pode ser analisado, de acordo com Lívia Karina da Silva, em seu artigo, pelo contexto histórico:

Então vemos que não apenas na Nigéria, mas em todo o continente africanos há a romantização do “ser mãe”, a maternidade é vista como um dom sagrado e necessário. O que está relacionado à visão ancestral comum no continente africano que coloca a mulher como a criadora:

Esses mitos sobre a mulher existem desde os tempos primordiais e autenticam a crença de que a maternidade é parte essencial do ser mulher, no contrário a mulher está vazia. Já não é segredo que a mulher nigeriana se considera uma mulher de verdade apenas quando prova ser fértil e a “auréola da maternidade” brilha sobre ela. Isso é comum para a maioria mulheres na África, onde o índice de maternidade é usado para definir as “verdadeiras” mulheres. (AKUJOBI, 2011, p.4)

Uma mulher só seria reconhecida como “mulher completa” se tivesse filhos, principalmente filhos homens. Inclusive cumprir com esse padrão determinava o que seria feito a seu corpo após a morte, “como morrera na situação de ‘mulher completa’, seria enterrada no alojamento do marido.” (EMECHETA, 2017, p. 32). (Silva, 2020, p.4).

A pressão social se mantinha presente em cima de Beatrice, ainda que ela houvesse engravidado algumas vezes, e perdido logo em seguida, devido aos espancamentos sofridos pelo seu marido. Como em:

— Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, nne? Seu pai quebrou-a na minha barriga — disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira pesada. — Meu sangue correu todo por aquele chão antes mesmo

de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pôde fazer nada para salvá-lo. (ADICHIE, 2003, l. 3357)

Kambili, assim como Jaja e Beatrice, era completamente dominada por Eugene, fazendo com que seus próprios desejos, não existissem, dando espaço apenas para o que seu pai programava ou sonhava por ela, e criando como forma de comunicação, o olhar com Jaja. Ela nunca haveria pensado sobre qual curso gostaria de seguir, pois nunca lhe era dada alguma opção. “Eu nunca me perguntara em que universidade estudaria nem em que me formaria. Quando chegasse a hora, Papa decidiria.” (ADICHIE, 2003, l. 1724)

Ao entrar em contato com a família de Ifeoma, Kambili inicia o seu processo de amadurecimento, se deparando com uma realidade distinta em todos os aspectos, onde Ifeoma, era mãe viúva de três crianças com pensamentos de formação crítica, professora de universidade e com menos condições monetárias, criando seus filhos com liberdade de expressão, priorizando o âmbito educacional, pois segundo ela ao mencionar sobre algumas alunas:

— Não sei quem vai tomar conta de quem. Seis meninas da minha turma de primeiro ano estão casadas. Os maridos vêm visitá-las de Mercedes e Lexus todo fim de semana, compram estéreos, livros e geladeiras para elas e, quando elas se formarem, eles é que vão ser os donos delas e de seus diplomas. Não entende? (ADICHIE, 2003, l. 955).

Dentre os discursos de cunho feminista presentes na obra, todos provém da família de Ifeoma. Em um diálogo com Beatrice, Ifeoma diz: “Nwunye m, às vezes a vida começa quando o casamento acaba.” (ADICHIE, 2003, l. 949). Buscando refletir sobre a posição do casamento em sua vida, mesmo sendo algo que, socialmente, todos cobram dela, como se houvesse necessidade de algum homem para sua realização e bem-estar, inclusive Papa Nnukwu disse:

— Meu espírito vai interceder em seu favor, para que Chukwu mande um bom homem para tomar conta de você e das crianças.
— Seu espírito que peça a Chukwu para acelerar minha promoção a professora sênior, é só isso que eu quero — disse tia Ifeoma. (ADICHIE, 2003, l. 1075)

Nesse processo de amadurecimento, no qual Kambili e Jaja estavam percorrendo, Kambili notou que seu irmão, com mais facilidade conseguiu se

permitir a questionar, gradativamente, sobre questões nas quais nunca haviam dialogado, e sobre a obediência ao seu pai. O que, de maneira geral, pode ser explicado pela estrutura formada dentro do ambiente patriarcal, no qual o homem acaba se beneficiando de maneira mais rápida, por não necessitar percorrer também pelas imposições de gênero, estipuladas dentro de todo contexto social, incluindo o religioso, como quando Kambili não possuía uma vestimenta, devido um padrão imposto: “Eu me perguntei por que não contei a ela que todas as minhas saias iam até bem abaixo dos joelhos e que eu não possuía nenhuma calça porque era pecado mulher usar calça.” (ADICHIE, 2003, I.1028).

Conforme seu contato com a família de Ifeoma ia aumentando, sua fala e expressões foram se desenvolvendo, permitindo com que ela escutasse do seu próprio riso, e que experimentasse sensações nunca antes vividas.

No entanto, a família de Kambili, ao se deparar com o envenenamento de Eugene, como forma de libertação, também se depara novamente com a misoginia presente na estrutura patriarcal, que afeta principalmente mulheres, mas em menores circunstâncias, também os homens, o que fez com que Jaja pensasse: “Eu devia ter tomado conta de Mama. Veja como Obiora equilibra todo o peso da família de tia Ifeoma sobre a cabeça. E eu sou mais velho do que ele. Devia ter tomado conta de Mama” (ADICHIE, 2003, I. 931), assumindo a culpa de um crime que não cometeu, por ter em mente, que na ausência de um homem mais velho, era ele quem deveria protegê-las.

3. O FEMINISMO EM *HIBISCO ROXO*

O rompimento dessa dinâmica familiar baseada em opressão e violência, era necessária para que Kambili se desenvolvesse. Sua tia Ifeoma, com sua família, foram instrumentos essenciais para que isso se tornasse possível.

É imprescindível ao falar sobre feminismo, retratando a análise de uma obra nigeriana, não mencionar sobre a pluralidade que o termo “feminismo” carrega consigo. Para Djamila Ribeiro (2018)

De forma geral, pode-se dizer que o objetivo do feminismo é uma sociedade sem hierarquia de gênero — o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão. Ou como disse Amelinha Teles na introdução de Breve história do feminismo no Brasil: falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos. (2018, p.35)

Desenvolvendo os estudos desde o séc. XIX, conhecidos nos dias atuais como as “ondas feministas”, a luta pela igualdade de gênero, segundo Djamila Ribeiro (2018) se iniciou através de um grupo de mulheres que buscavam direito ao voto e ao trabalho sem a necessidade de aprovação do marido.

A segunda onda, marcada pela luta por valorização do trabalho, direito ao prazer e fim da violência sexual, por volta de 1970, foi marcada também pela presença de mulheres negras que denunciavam a sua invisibilidade dentro do movimento, lutando para se tornarem sujeitos políticos, iniciando assim o movimento do feminismo negro.

O movimento precisou se modificar através da sociedade, pois as minorias sociais, embora possuam pautas em comum, apresentam suas particularidades, não perpetuando apenas pela questão de gênero, mas também pela questão de raça e classe. Logo, de acordo com Djamila Ribeiro (2018), enquanto uma mulher branca que lutava por direitos iguais visava direito ao trabalho e ao voto, sua luta não incluía a luta de mulheres negras, que sempre trabalharam - até de maneira escravagista - e que buscavam ser consideradas pessoas.

“É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e sexista, para refutá-la e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa.”

Essa citação de bell hooks sintetiza a importância do feminismo negro para o debate político. Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência. (RIBEIRO, 2018, p.106)

Bell Hooks, no entanto, propôs uma análise social levando em conta a interseccionalidade, ou seja, não havendo uma superioridade de uma opressão sobre a outra, considerando raça, gênero e classe, mas sim, uma indissociação de opressões, devendo sempre serem consideradas em conjunto.

No momento em que os ideais feministas do ocidente chegaram ao continente africano, inicialmente houve um estranhamento/resistência através do choque de cultura existente, por acreditarem que a maneira com a qual ele foi instituído, poderia fazer com que valores importantes de sua cultura fossem modificados, fazendo, assim, com que o termo fosse ressignificado. Chimamanda Adichie (2014), em *Sejamos Todos Feministas*, ilustra a reação do público com o lançamento da obra *Hibisco Roxo*:

Enquanto eu divulgava o livro na Nigéria, um jornalista, um homem bem-intencionado, veio me dar um conselho (talvez vocês saibam que nigerianos estão sempre prontos a dar conselhos que ninguém pediu). Ele comentou que as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista. Seu conselho — disse, balançando a cabeça com um ar consternado — era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido. Então decidi me definir como “feminista feliz”.

Mais tarde, uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano, e que, se eu me considerava feminista, era porque havia sido corrompida pelos livros ocidentais (o que achei engraçado, porque passei boa parte da juventude devorando romances que não eram nada feministas: devo ter lido toda a coleção água-com-açúcar publicada pela Mills and Boon antes dos dezesseis anos. E toda vez que tentava ler os tais livros clássicos sobre feminismo, ficava entediada e mal conseguia terminar). De qualquer forma, já que o feminismo era antiafricano, resolvi me considerar “feminista feliz e africana”. Depois, uma grande amiga me disse que, se eu era feminista, então devia odiar os homens. Decidi me tornar uma “feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens”.

É claro que não estou falando sério, só queria ilustrar como a palavra “feminista” tem um peso negativo. (ADICHIE, 2014, l.35)

Para Adichie (2014):

Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos. [...] feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar. (2014, l.261)

No presente momento, iremos abordar o feminismo como o ideal necessário dentro da obra estudada, para que Kambili e Beatrice se conscientizassem de seu lugar perante a sociedade, através da rede de apoio e transformação de Ifeoma e Amaka, sem que houvesse distanciamento de suas tradições nigerianas.

Na narrativa do romance, o silenciamento de Kambili e Beatrice dentro de seu ambiente doméstico como forma de subordinação à Eugene se dava por diversas formas, como na utilização do olhar como linguagem, na aceitação de suas imposições ou na própria omissão de si mesma, como em “Ela assentiu rapidamente, e depois balançou a cabeça para indicar que as estatuetas não eram importantes. Mas eram, sim.” (ADICHIE, 2003, l.112)

De acordo com Djamila Ribeiro (2018):

Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras. Angela Davis, Audre Lorde e Alice Walker abordam a importância do falar em suas obras. “O silêncio não vai te proteger”, diz Lorde. “Não pode ser seu amigo quem exige seu silêncio”, diz Walker. “A unidade negra foi construída em cima do silêncio da mulher negra”, diz Davis. Essas autoras estão falando sobre a necessidade de não se calar ante opressões como forma de manter uma suposta unidade entre grupos oprimidos, ou seja, alertam para a importância de que ser oprimido não pode ser utilizado como desculpa para legitimar a opressão. (2018, p.108)

Colocando como pauta de extrema importância, a necessidade da quebra do silêncio como forma de resistência. Ifeoma, por diversas vezes questionava Beatrice sobre suas ações:

— Eu desliguei. Disse a ele que não ia deixar você falar com ele. Mama pulou do banquinho.
— Por quê? Por quê?
— Nwunye m, sente-se agora! — disse tia Ifeoma, irritada.
— Nós vamos amanhã. As crianças e eu — disse ela, olhando para algum ponto acima da cabeça de todos nós.
— Vão para onde? — perguntou tia Ifeoma.

— Para Enugu. Vamos voltar para casa.
— Você tem um parafuso solto na cabeça, gbo? Vocês não vão a lugar nenhum. [...]
[...] — Para onde eu vou se sair da casa de Eugene? Diga, para onde eu vou? — perguntou Mama, sem esperar pela resposta de tia Ifeoma.
— Sabe quantas mães empurraram suas filhas para ele? Sabe quantas pediram que ele engravidasse suas filhas, sem nem precisar se incomodar em pagar o preço de uma noiva?
— E daí? Diga... e daí? — retrucou tia Ifeoma, gritando.
Mama sentou no chão. Obiora tinha estendido um tapete e havia lugar nele, mas ela sentou no cimento, pousando a cabeça no gradil.
— Lá vem você de novo com sua conversa de universidade, Ifeoma — disse ela suavemente, virando o rosto para indicar que o assunto estava encerrado. (ADICHIE, 2003, l.3338 - 3377)

Kambili ao retratar sua tia Ifeoma, comenta:

Naquele instante, percebi que era isso que tia Ifeoma fazia com os meus primos, obrigando-os a ir cada vez mais alto graças à forma como falava com eles, graças ao que esperava deles. Ela fazia isso o tempo todo, acreditando que eles iam conseguir saltar. E eles saltavam. Comigo e com Jaja, era diferente. Nós não saltávamos por acreditarmos que podíamos; saltávamos porque tínhamos pânico de não conseguir. (ADICHIE, 2003, l.3035)

Estimulada também pelos discursos afrontosos de Amaka, além dos incentivos e questionamentos de Ifeoma, Kambili ao longo da narrativa, se distancia da figura subalternizada com relação ao seu pai, e emerge em um processo de autodescobrimento, possibilidade de fala e pensamento. Para Ribeiro (2018), isso se dá pelo “empoderamento”

O termo “empoderamento” muitas vezes é mal interpretado. Por vezes é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuar opressões. Para o feminismo negro, possui um significado coletivo. Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança. [...]

[...] Como diz Bell hooks, o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Para ela, é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano e em nossas experiências habituais no sentido de reivindicar nosso direito à humanidade. Logo, o empoderamento sob essa perspectiva significa o comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. [...] Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras. Cada mulher pode criar em seu espaço de atuação formas de empoderar outras. Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa

consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos.” (RIBEIRO, 2018, p.116-118)

Contra a dinâmica do casamento e de todos os valores ocidentais antes pregados por Eugene, mantendo suas raízes, através do uso de Igbo, da linguagem coloquial, estabelecendo contato com o tradicionalismo regional, embora fosse cristã. Ifeoma instigava o conhecimento de seus sobrinhos, filhos e alunos pela luta de liberdade de gênero e política.

Nota-se, desde o início da aparição de Ifeoma na narrativa, a proximidade com Beatrice, ao se comunicarem e compartilharem entre si experiências vividas, de maneira com que ambas agissem com sororidade.

Na primeira vez que ouvi tia Ifeoma chamar Mama de “nwunye m”, há anos, fiquei chocada, por ser uma mulher chamando a outra de “minha esposa”. Quando comentei isso com Papa, ele me explicou que era o vestígio de uma tradição pagã, a ideia de que era a família toda, e não apenas o homem, que se casava. Mais tarde Mama sussurrara, apesar de estarmos sozinhas em meu quarto:

— Eu sou esposa dela também, pois sou esposa de seu pai. Isso mostra que ela me aceita. (ADICHIE, 2003, l. 919).

O que posteriormente também se pode notar entre Kambili e Amaka conforme foram se conhecendo e compartilhando das experiências vividas, de maneira empática, havendo assim, uma rede de apoio entre as mulheres da obra.

A partir da análise, é importante salientar como o patriarcado influencia diretamente o contexto sócio histórico pelo qual a narrativa percorre. Narrativa que se aproxima da realidade vivida atualmente e a realidade vivida na década de 80 do século XX na Nigéria. A intolerância religiosa e as imposições misóginas moldadas por essa estrutura social provinda do ocidente, unida com ideais colonizadores intensificam ainda mais as questões misóginas que permeiam a vida em sociedade, sendo assim, segundo Adichie:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. (ADICHIE, 2014, l.131).

Chimamanda acredita que a criação de todas as crianças devem ser repensadas, pois os homens, dentro desse sistema patriarcal nos qual eles são os únicos beneficiados, recebem a educação machista, na qual deve-se reprimir sentimentos, adotando a masculinidade tóxica, afetando diretamente a vida em sociedade e assim, a mulher.

Com isso, a educação feminista é a principal ferramenta para que meninos e meninas, possam se desenvolver com a redução gradativa da pressão de gênero imposta nos dias atuais, evitando assim, a opressão vivida por Kambili e sua família durante a narrativa, tendo os homens como aliados na luta pelos direitos iguais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho consiste na análise de *Hibisco Roxo*, que ao narrar a vida familiar de uma adolescente nigeriana, nos possibilitou através do desenvolvimento da personagem Kambili, observar a influência do feminismo como objeto de resistência à sociedade patriarcal pós-colonial, por meio de teorias provindas de artigos acadêmicos já publicados e obras literárias da área de estudo do feminismo.

Primeiramente, foi apresentada uma breve biografia da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, que possui grande importância para seu estilo de escrita e contexto da obra, foi apresentado o contexto-histórico pelo qual a narrativa se desenrola e também o gênero no qual a obra está inserida.

Chimamanda Ngozi Adichie construiu uma narrativa retratando efeitos reais da colonização na Nigéria pós-colonial e, principalmente, os impactos de uma sociedade patriarcal, muito próximo de como vivemos atualmente. Dessa maneira, foi feito um resumo retratando os acontecimentos narrados na obra, de maneira que as relações de abuso de poder fossem evidenciadas com mais detalhes.

A análise presente nesse trabalho, busca refletir de que maneira a supremacia do homem está naturalizada em nossa sociedade e em nosso pensamento, de forma que todas as formas de opressão presentes na obra, são atuais, em questões de gênero, raça e classe. A violência doméstica, o homem como indivíduo central da família fazendo com que tudo lhe deva ser consultado, possuindo o controle de toda situação ou, até mesmo, na questão de não ser questionado, tornando sua palavra uma verdade absoluta, fazendo com que seja possível estabelecer relações também, com o número elevado de homens que utilizam de seus privilégios ao possuírem os maiores números de cargos com salários altos ou a fala constantemente interrompida de uma mulher, por homens, tanto em âmbitos profissionais, quanto domésticos.

Como professora, no âmbito profissional, este trabalho de pesquisa me permite estabelecer diálogos e exercícios com meus alunos afim de discutir o sistema em que vivemos atualmente. E assim, ao identificar as situações, que eu possa trabalhar em cima da questão para conscientização dos fatos, com

propostas de intervenção buscando ideais de direitos iguais para homens e mulheres, independentemente de sua raça ou etnia.

Outras pesquisas poderão ser feitas buscando se aprofundar no patriarcado dentro das obras de Chimamanda. Visto que o estudo das teorias femininas e da sociedade estão em constante avanço, havendo possibilidades de se realizar análises em outras obras e contextos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. E-book Kindle.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2014. E-book Kindle.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução por Sérgio Milliet. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2014. E-book Kindle.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

GALBIATI, Maria Alessandra. Revendo o gênero: a representação da mulher no *Bildungsroman* feminino contemporâneo. 2013. 120 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106345>. Acesso em: 20 out. 2021.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MARCELO, Nathalia Almeida. Nigéria no século XX e as marcas da colonização: uma análise de Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Humanidades e Inovação**, v.6, n.8, p. 237-250, setembro/2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1336>. Acesso em: 01 nov. 2021

MÜLLER, Fernanda de Oliveira. O florescer das vozes na tradução de purple hibiscus, de Chimamanda Ngozi Adichie. 2017. 105f. Dissertação de mestrado em estudos da tradução. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Livia Karina da. A mulher na sociedade patriarcal nigeriana em as alegrias da maternidade. Conedu VII congresso nacional de educação. Outubro, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67769>
Acesso em: 20 nov. 2021.

ANEXO

Tabela A

Personagem	Narrativa
<p>Padre Benedict, exercendo na sociedade o papel do homem branco, de maneira que se torna inquestionável e modelo para sociedade.</p>	<p>“O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia “nativas” a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido.”</p> <p>I.24</p>
<p>Eugene rejeita qualquer manifestação que seja contrária aos ensinamentos do homem branco colonizador cristão, fazendo com que seus filhos busquem agir da mesma maneira, afim de buscarem aprovação de seu pai.</p>	<p>O padre convidado rezou a missa com uma batina vermelha curta demais para ele. Era jovem e nos olhava com frequência enquanto lia os evangelhos, com seus olhos castanhos penetrando a congregação. Ao terminar, beijou a Bíblia devagar...</p> <p>... E, na metade do sermão, começou a cantar uma canção em igbo: “Bunie ya enu...”. A congregação toda se agitou de repente. Alguns suspiraram, outros abriram a boca num enorme O. Estavam acostumados com os sermões demorados do padre Benedict, com sua voz anasalada e</p>

	<p>monótona. Lentamente, começaram a cantar também. Eu olhei para Papa, que comprimiu os lábios. Ele virou a cabeça para ver se eu e Jaja estávamos cantando e assentiu, satisfeito, quando nos viu de lábios selados.</p> <p>I.314</p>
<p>Eugene deixando explícita a condição da hegemonia do homem branco e em como ele os enxerga com superioridade.</p>	<p>Era muito diferente da forma como Papa tratara meu avô materno até ele morrer cinco anos atrás. Quando chegávamos a Abba todo Natal, Papa passava na casa do Vovô na nossa ikwu nne, ou casa de solteira de nossa mãe, antes mesmo de irmos à nossa propriedade. Vovô tinha a pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês, sempre, com um forte sotaque igbo. Sabia latim também, citando muitas vezes os artigos do Concílio Vaticano I, e passava a maior parte do tempo em St. Paul's, onde havia sido o primeiro catequista. Insistira para que o chamássemos de Vovô em vez de Papa-Nnukwu ou Nna-Ochie.</p> <p>I.850</p>
<p>Eugene atribuída essa pressão aos seus filhos, buscando se moldar a cultura europeia.</p>	<p>Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês.</p> <p>I.151</p>

<p>Jaja ao se ver sem a presença de um homem mais velho, se cobra para que ele seja o homem que cuida das mulheres da casa, como se elas não conseguissem cuidar de si próprias.</p>	<p>“Eu devia ter tomado conta de Mama. Veja como Obiora equilibra todo o peso da família de tia Ifeoma sobre a cabeça. E eu sou mais velho do que ele. Devia ter tomado conta de Mama” l. 931</p>
<p>Percepção de Kambili com relação a sua mãe, Beatrice, na qual aceitava muitas situações de opressão dentro de casa, mas permanecia em silêncio.</p>	<p>Não era certo permitir que uma pessoa mais velha fizesse suas tarefas, mas Mama não se incomodava; havia muita coisa com que ela não se incomodava. l. 203</p>
<p>Kambili não possui uma calça, por conta de um padrão imposto socialmente.</p>	<p>Eu me perguntei por que não contei a ela que todas as minhas saias iam até bem abaixo dos joelhos e que eu não possuía nenhuma calça porque era pecado mulher usar calça. l.1028</p>
<p>Eugene visto como alguém superior, apenas por não escolher outra esposa para lhe conceder filhos, embora Beatrice só tenha perdido dois filhos por conta dos espancamentos que sofria.</p>	<p>Papa merecia elogios por não escolher ter mais filhos com outra mulher, é claro, por não escolher ter uma segunda esposa. Mas Papa era mesmo diferente. l.216</p>
<p>Kambili não possuía pensamentos e vontades próprias, pois tudo era controlado por Eugene.</p>	<p>Eu nunca me perguntara em que universidade estudaria nem em que me formaria. Quando chegasse a hora, Papa decidiria. l.1724</p>
<p>Beatrice contando sobre o espancamento que sofreu, de maneira naturalizada.</p>	<p>— Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, nne? Seu pai quebrou-a na minha barriga — disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira</p>

	<p>pesada. — Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pôde fazer nada para salvá-lo.</p> <p>I.3357</p>
<p>Beatrice se sente aprisionada ao sistema familiar em que vive, mas ainda assim, enxerga Eugene de maneira romantizada.</p>	<p>Para onde eu vou se sair da casa de Eugene? Diga, para onde eu vou? — perguntou Mama, sem esperar pela resposta de tia Ifeoma. — Sabe quantas mães empurraram suas filhas para ele? Sabe quantas pediram que ele engravidasse suas filhas, sem nem precisar se incomodar em pagar o preço de uma noiva?</p> <p>I.3384</p>
<p>Ifeoma se referindo às pressões pelo matrimônio.</p>	<p>Nwunye m, algumas vezes a vida começa quando o casamento termina.</p> <p>I. 953</p>
<p>Ifeoma demonstra preocupação com sua vida profissional.</p>	<p>Meu espírito vai interceder em seu favor, para que Chukwu mande um bom homem para tomar conta de você e das crianças. – Seu espírito que peça a Chukwu para acelerar minha promoção a professora sênior, é só isso que eu quero – disse tia Ifeoma. I.1077</p>
<p>Ifeoma luta pelos seus direitos e o direito de todos, com militância.</p>	<p>A gente não pode permitir que isso aconteça, mba. Onde já se viu ter uma universidade com apenas um administrador?</p> <p>I. 2979</p>
<p>Ifeoma demonstra preocupação com relação a suas alunas, acreditando</p>	<p>Não sei quem vai tomar conta de quem. Seis meninas da minha turma de</p>

<p>que a educação é a maior fonte de libertação, e que o casamento é uma forma de se tornar posse do outro, de maneira objetificada, tendo que obedecer às ordens de seus maridos.</p>	<p>primeiro ano estão casadas. Os maridos vêm visitá-las de Mercedes e Lexus todo fim de semana, compram estéreos, livros e geladeiras para elas e, quando elas se formarem, eles é que vão ser os donos delas e de seus diplomas. Não entende?</p> <p>I.955</p>
--	---